

GONZÁLEZ, Justo L. **A era dos mártires.** Vida Nova, 1984. 187p. (História Ilustrada do Cristianismo, v. 1). Resumido por JL em março/2001. [Coleção com 10 volumes sobre a história do cristianismo, mais um volume sintético. Apresenta boas figuras, com texto fácil de ler. Não aprofunda muito as questões apresentadas.]

1. História

O Evangelho é boa nova: Jesus se introduziu em nossa história. A sequência é a história dos atos do Espírito entre aqueles que creram nele. Em alguns momentos desta história é difícil ver a ação do Espírito, mas devemos lembrar que a igreja é composta de pecadores como nós e que através deles o Evangelho chegou até nós.

2. Ambiente

Deus preparou o caminho para os discípulos serem testemunhas usufruindo do ambiente da época.

A) Judaísmo: A Palestina, onde nasceu o cristianismo, foi sempre terra cobiçada e invadida pelos povos ao redor. Alexandre introduziu o helenismo nas regiões conquistadas, gerando unidade cultural e política. Entretanto, isto não foi bom para os judeus que tiveram sérios conflitos por causa de sua fidelidade a Deus e às tradições (macabeus e zelotes). Grupos diferentes surgiram entre os judeus: os zelotes se opunham radicalmente ao jugo estrangeiro; os fariseus eram o partido do povo e se voltaram para cumprir a Lei (Jesus e seus discípulos estavam mais perto deste grupo); os saduceus enfatizavam o culto do templo e eram a aristocracia, geralmente detendo o sumo sacerdócio pela colaboração com os romanos; os essênios se isolaram do mundo para permanecerem puros. Nesta diversidade, fortes pontos em comum eram o monoteísmo ético (um só Deus exigindo justiça entre os homens) e a esperança escatológica (intervenção de Deus instaurando um reino de paz e justiça). Após a destruição do templo, apenas os fariseus sobreviveram.

B) Dispersão: Os judeus da Dispersão viviam fora da Palestina e tinham suas reuniões nas sinagogas. Diferenciavam-se daqueles da Palestina pelo uso do grego e maior contato com esta cultura. Sua grande contribuição foi a tradução grega do Antigo Testamento (Septuaginta). O maior contato os obrigou a defender sua fé, e Filo de Alexandria tentou compatibilizar o melhor das duas culturas – a filosofia platônica e o Antigo Testamento. Para ele, Deus é transcendente e imutável, se relacionando com sua criação através do Logos, razão de ser do Universo.

C) Mundo greco-romano: O Império Romano trouxe grande unidade política, uniformizando a cultura, mas respeitando os costumes regionais. Tais condições beneficiaram a disseminação da fé, porém geraram desafios como o sincretismo (mistura indiscriminada de religiões), o culto ao imperador (que levou à perseguição dos que recusavam em adorá-lo) e as religiões de mistério (das quais só podiam participar iniciados). Para se defenderem, os cristãos usaram duas tradições filosóficas: o platonismo (fala de um ser supremo e bondoso, imortalidade da alma e existência de outros mundos invisíveis) e o estoicismo (ensinava que a razão deve dominar a paixão, tendo doutrinas de alto caráter moral).

3. Igreja em Jerusalém

Era forte, mas, embora seja comum idealizar a vida desta igreja, nota-se em Atos conflito entre “hebreus” e “helenistas”. A solução foi eleger representantes deste grupo, que também pregavam a Palavra. A perseguição inicial do Sinédrio se concentrou neste grupo, só desabando sobre os apóstolos mais tarde. Filipe, Paulo e outros helenistas levaram à formação da igreja fora da Judeia. Estes primeiros cristãos se entendiam como judeus e continuavam a guardar o sábado e ir ao templo. Faziam dois dias de jejum e reuniam-se aos domingos para partir o pão e celebrar a ressurreição do Senhor. Os apóstolos eram os líderes, sendo os principais Pedro, João e Tiago (irmão de Jesus). Aumentando a perseguição, se transferiram para Pela, evitando serem incluídos pelos romanos no massacre aos judeus. Isolaram-se cada vez mais dos irmãos gentios, findando no século V.

4. Aos gentios

A primeira dispersão dos cristãos os levou à Judeia, Samaria e além. A fé ultrapassou os limites do judaísmo, como vemos em Antioquia, produzindo o conflito dos gentios precisarem se tornar judeus. Isto foi resolvido no concílio de Jerusalém. O trabalho missionário foi realizado por centenas de cristãos, dos quais o mais conhecido é Paulo. Tradições afirmam que Pedro esteve em Roma e ali morreu; Paulo saiu de sua prisão, foi à Espanha e voltou para morrer em Roma; João permaneceu em Éfeso até idade avançada (há confusão com outro presbítero chamado João); Tiago alcançou a Espanha e Tomé, a Índia.

5. Conflitos

A expansão do Cristianismo gerou perseguição.

A) Seita judaica: Para os cristãos, o Messias já veio e os gentios são convidados a serem filhos de Abraão pela fé. Os judeus os viam como uma seita herética que precisava ser extirpada para não provocar a ira de Deus e, portanto, os perseguiam. Os romanos consideravam esta uma briga interna do judaísmo, mas aos poucos se fez diferença entre os grupos, culminando na perseguição de Roma aos cristãos.

B) Perseguições: No incêndio accidental que destruiu Roma em 64, o povo culpou Nero (já conhecido por suas extravagâncias) e ele culpou os cristãos, pois os romanos entendiam que eles odiavam a humanidade por não participarem das atividades do povo. Os caprichos do imperador impuiserem castigo excessivo e cruel aos cristãos. Desconhecemos quantos mártires foram executados, mas a perseguição foi restrita a Roma. O edicto contra os cristãos, embora em vigor, não foi cumprido à risca, permitindo-lhes viver em paz enquanto não fossem acusados. Na sucessão dos imperadores, temos nova perseguição sob Domiciano na região de Roma e Ásia Menor.

6. Martírios

O segundo século nos apresenta narrativas detalhadas dos martírios, cartas dos pais da igreja e a correspondência de Plínio, governador na Ásia Menor. Este questionou o imperador sobre os cristãos, mantendo a prática anterior: condená-los à morte se houvesse acusações formais e não adorassem ao imperador. Nesta época foram martirizados Inácio de Antioquia, que escreveu sete a igrejas, e Policarpo. Havia debate sobre ser ou não lícito entregar-se espontaneamente para o martírio. Em 161, sob Marco Aurélio, houve outra forte perseguição. Foram martirizados a viúva Felicidade e seus filhos, Justino, Blandina e muitos irmãos das cidades de Leão e Viena. Após 180, há relativa paz até Sétimo Severo iniciar novo ciclo de perseguição.

7. Defesa da fé

A) Acusações: eram baseadas em rumores sobre orgias incestuosas, canibalismo e adoração a um asno crucificado. A classe culta tinha forte preconceito social contra os cristãos e os tinha por ignorantes e bárbaros, por suas tradições remontarem ao judaísmo. Achavam Deus incoerente por ser onipotente, mas curioso com a vida pessoal dos cristãos; consideravam-nos contra as atividades da sociedade; entendiam Jesus como malfeitor e ridicularizavam a ressurreição.

B) Defesas: Para se defender das acusações e apresentar adequadamente as bases da fé cristã, alguns hábeis pensadores (os “apologistas”) escreveram: Justino, Taciano, Orígenes, Tertuliano e Félix, além do “Discurso a Diogneto” (anônimo). Embora concordassem em evitar cerimônias civis devido ao culto aos deuses, os cristãos se dividiam quanto à cultura pagã. Alguns entendiam, como Tertuliano e Taciano, que devia ser rejeitada. Taciano ataca os gregos por falta de uniformidade linguística, cópia da sabedoria de outros povos (inclusive o judeu) e deuses imorais. Justino, porém, aceita a sabedoria clássica, identificando pontos comuns entre ela e o cristianismo: há nos filósofos traços da verdade, devido à busca do Logos (Jesus pré-encarnado).

C) Argumentos: Quanto à acusação de ateísmo, os apologistas mostram que muitos filósofos gregos também criticaram os deuses. A ressurreição é possível devido à onipotência divina e seus princípios são de rígida moral, o que invalida as orgias e canibalismo. Embora se neguem a adorar César, são súditos leais do Império. Estes cristãos viviam uma forte tensão: rejeitam o paganismo, mas aceitam a verdade identificada nos filósofos, afirmando, porém, a superioridade da revelação cristã.

8. Depósito da fé

A) Gnosticismo: A diversidade cultural dos cristãos trouxe uma forte tendência sincretista na igreja, culminando no movimento do gnosticismo. Não tinha um chefe ou forma rígida, mas suas escolas defendiam a salvação pelo conhecimento secreto que fora revelado por Jesus a um ou outro apóstolo. Defendiam que a matéria é má, e o corpo uma prisão para o espírito. O mundo foi criado por um espírito inferior. Assim, negavam a encarnação de Jesus, crendo que teve apenas um corpo aparente, mas irreal (docetismo). Sua ética se dividia entre o ascetismo extremo e a libertinagem.

B) Márciom: Heresia semelhante surgiu com Márciom, que também cria que a matéria é má e que o criador deste mundo é ignorante. Propôs diferenciar entre Jeová e o Pai de Jesus, rejeitando todo o Antigo Testamento e o que se relacionasse com os judeus. Escolheu apenas o Deus amoroso que no final não julgará ninguém. Organizou uma igreja que persistiu durante alguns séculos e organizou um cânon inicial do Novo Testamento (Lucas e cartas paulinas).

C) Respostas da Igreja: ela reagiu a tais heresias de três formas: a) compilando uma lista oficial dos livros aceitos (todo o Antigo Testamento, os evangelhos [escolheram quatro para enfatizar que sua tradição se baseava em múltiplo testemunho], Atos e as cartas paulinas), sendo que alguns livros demoraram mais para entrar no cânon; b) formulando um credo (o dos Apóstolos) que enfatizava sobretudo as doutrinas negadas pelos hereges; c) enfatizando a sucessão apostólica, bem demonstrada em algumas localidades, que era o que sustentava a autoridade da igreja. A igreja, pois, era católica – universal em sua abrangência de locais e pregando um evangelho universal (baseado no ensino de todos os apóstolos).

9. Os mestres

Ao iniciar o 3º século, vemos uma geração de teólogos começando a sistematizar a doutrina cristã:

A) Irineu de Leão: discípulo de Policarpo, pastor, escreveu para expor a fé que recebeu. Afirmou que Deus nos criou como crianças para crescemos e nos tornarmos semelhantes a ele. Embora a encarnação tenha vindo corrigir a queda, Deus já tinha o propósito de se unir ao ser humano. Irineu apresenta uma ampla visão da história com centro em Jesus.

B) Clemente de Alexandria: discípulo de Panteno, pensador e mestre. Alexandria era o centro do sincretismo religioso e da vida intelectual do Mediterrâneo. Clemente busca as verdades mais profundas, mostrando as afinidades entre as doutrinas cristãs e Platão, pois crê que a verdade em Platão deve ser a mesma das Escrituras. Deus é o Um inefável que se revela no Verbo encarnado em Cristo. Para isso, defende que o texto sagrado sempre tem um sentido mais profundo e sua exegese alegórica encontra as ideias platônicas nas Escrituras.

C) Tertuliano de Cartago: advogado, escreveu defendendo a ortodoxia, afirmando que os direitos dos hereges já prescreveram e eles não podem mais discutir as Escrituras. Opõe-se a toda especulação e busca do novo. Enfrentou com ironia e lógica esmagadora as heresias, argumentando sobre a definição da Trindade e da natureza de Cristo. Aderiu ao montanismo, grupo que enfatizava profecias espirituais e vida moral rigorosa, contudo afirmavam que o fim da história começara com eles. A igreja se opôs a eles, declarando-os hereges.

D) Orígenes de Alexandria: discípulo de Clemente, mestre e extenso escritor, redigiu comentários, sermões, um texto crítico do AT em seis colunas, uma apologia e uma obra sistemática.

Relacionava a fé com o neoplatonismo, sem negar as doutrinas cristãs. Sua obra traz muitas especulações, afirmando que houve duas criações (uma espiritual e outra material após o pecado) e que Jesus veio para mostrar o retorno ao mundo espiritual. No final todos os espíritos serão salvos (inclusive o diabo), mas com risco de novo ciclo de queda e restauração. Em muitos pontos ele se afasta das doutrinas da igreja.

E) Conclusão: Vemos então três tendências teológicas: Irineu como ortodoxo e mais próximo do Evangelho; Tertuliano como legalista rompendo mais tarde com a Igreja; e os de Alexandria, cuja preocupação era descobrir os segredos mais elevados de Deus e sua criação.

10. Mais perseguições

A) Severo: O 3º século viu surgir forte perseguição aos cristãos devido à política sincretista de Sétimo Severo, que desejava unir todos no culto ao “Sol invicto”. Dentre os muitos martírios, ficou famoso o de Perpétua por ainda estar amamentando. Pouco tempo depois, a perseguição amainou, concentrando-se em focos regionais. Basicamente, foi um meio século de paz, levando ao esquecimento das acusações contra os cristãos.

B) Décio: Em 249, Décio impingiu violenta perseguição aos cristãos, buscando restaurar os velhos cultos romanos. Sua tática foi de não criar mártires, forçando-os ao máximo a abjurar de sua fé. Os que resistiram e não sacrificaram aos deuses foram torturados, mas não martirizados, sendo conhecidos como “confessores”. Muitos, entretanto, não resistiram e, ao findar a perseguição, a Igreja ficou com o problema do que fazer com os “caídos” que desejavam retornar à comunhão.

C) Os caídos: Cipriano, bispo de Cartago, não desejava admitir os apóstatas e defendia que fora da igreja não há salvação. Após um cisma na igreja, convocou um sínodo que definiu as regras para admiti-los à comunhão. Novaciano era ainda mais rigoroso e causou um cisma em Roma que perdurou algumas gerações. Repetidas vezes na história houve divisões por esta questão do pecado após o batismo, o que acabou gerando mais tarde o sistema penitencial.

11. Vida cristã

A) Origem social: Os cristãos eram das classes baixas, com poucas exceções. Eram escravos, carpinteiros, pedreiros ou ferreiros. Produziram numerosos escritos (os apócrifos) e lendas que alimentavam a fantasia dos crédulos. Por outro lado, tinham melhor compreensão do caráter de Deus que os apologistas. Também sabiam que o conflito com o Império era insolúvel, aguardando o reino de justiça que Deus irá implantar.

B) Culto: era aos domingos para celebrar a ressurreição do Senhor. O tom característico era o gozo e a gratidão. Após a leitura e comentário da Palavra, orações e hinos, era celebrada a comunhão (pão e vinho), da qual só podiam participar os batizados; nesta parte havia o ósculo da paz, oração, partir do pão e bênção. Era comemorada toda semana, no início com refeição em comum, depois sem, até tempos recentes. Os cultos eram celebrados às vezes nas catacumbas, pois ali estavam enterrados os heróis da fé. Foi o que originou as celebrações das festas dos santos. Também se reuniam nas casas particulares, sendo que algumas foram dedicadas a isso, surgindo os primeiros templos.

Para o batismo, havia um período de preparo de três anos, sendo examinados antes da ocasião que era, em geral, realizada anualmente no Domingo da Ressurreição. Jejuavam na sexta e sábado e eram imersos nus na água (homens separados das mulheres), recebendo uma vestidura branca ao sair. Davam-lhes para beber água, leite e mel, além da unção com óleo, todos símbolos da nova vida.

C) Organização: No fim do século II se percebe uma hierarquia dentro da igreja em três níveis: bispos, presbíteros e diáconos. A expansão junto aos gentios e o surgimento das heresias forçou a igreja a centralizar a autoridade. As mulheres tinham importante atuação, principalmente as viúvas. Algumas permaneciam virgens para se dedicar à obra, no que deu origem posteriormente ao monaquismo feminino.

D) Missões: O avanço missionário se deveu grandemente aos cristãos anônimos, mas se restringiu grandemente às cidades. Gregório Taumaturgo, bispo de Neocesareia, ficou famoso pelos milagres e curas que realizava, trazendo muitos para a igreja. A arte se limitava aos afrescos nas catacumbas e igrejas, geralmente de cenas de comunhão ou com o símbolo do peixe.

12. A grande perseguição

Em fins do século III deu-se a última e mais cruel perseguição aos cristãos, sob Diocleciano e Galério. Havia o medo de que os cristãos que serviam no exército pudessem não obedecer a alguma ordem e por isso foram expulsos. Em algumas regiões, tentaram forçá-los a sacrificar aos deuses e executaram os que não obedeceram.

Em 303, saiu o edito com ordem de destruir todos os edifícios e livros cristãos, além de privá-los de todos os seus direitos civis. Logo depois, outro edito ordena a prisão dos chefes da igreja e que os cristãos também sacrificassem aos ídolos. Os que se recusavam eram enviados para o trabalho forçado, após ter um olho vazado ou uma perna quebrada.

Somente em 311, cinco dias antes de morrer, Galério publicou o edito de tolerância que pôs fim à perseguição. Em 313, um acordo entre os que lutavam pelo poder devolveu as propriedades antes confiscadas (o chamado Edito de Milão). Aos poucos, Constantino se impôs como imperador único derrotando seus rivais. Que sucederia agora, com a mudança de posição do governo?